

valar para tonalidades demasiado familiares e afectivas.

Ana Paula Arnaut

**MAIS ALÉM DO DRAMA POÉTICO
DE FERNANDO PESSOA
UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
DA CRIAÇÃO HETERÓNIMA
THAÍS CAMPOS MONTEIRO
Lisboa, IN-CM, 2006**

O DRAMA (DA ALMA) INTELLECTUAL
Haverá psicólogo preocupado com os distúrbios da personalidade que não gostasse de ter Fernando Pessoa no sofá do seu consultório? Seguramente, Thaís Campos Monteiro, doutorada em Psicologia Social e da Personalidade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, dedicada profissionalmente à Psicologia Clínica, teria uma mão cheia de perguntas para dirigir ao autor dos heterónimos, uma ampla lista de questões a colocar-lhe acerca da realidade de um homem que quis ser vários para se conhecer a si próprio ou, talvez, por não ser capaz de o fazer. Um homem (este livro, diga-se desde já, fala mais do Pessoa-homem do que do Pessoa-poeta, se é que é possível separar um do outro) que se move entre a velha máxima da Filosofia (“conhece-te a ti mesmo”) e os recorrentes conselhos dos nossos avós (“livra-te das más companhias”) e que conseguiu sobreviver ao seu tempo para se converter num clássico do século XX.

Por isso, Thaís Campos Monteiro, neste ambicioso livro procedente da sua Tese de Doutoramento – defendida há quase dez anos –, situa-se no campo da Psicologia Analítica para dissecar a vida e a génese da obra de Pessoa, partindo de uma questão que engrena o motor do discurso e que serve de actualização (de “revisitação”) do velho tópico dos clássicos e do cânone literário: “Que eco faz Fernando Pessoa nos leitores de hoje, que tão grande vulto tem vindo a ganhar no cenário da poesia universal?”. Escudando-se em Freud (cuja obra *Mais Além do Prazer*, de 1920, parece ter iluminado o da nossa autora) e na sua identificação do público com a obra de arte – através da qual o artista conduz o espectador à própria libertação de desejos insatisfeitos que ele mesmo experiencia –, Thaís Campos Monteiro constrói um estudo complexo no qual vai, por um lado, destrinchando os aspectos essenciais da vida e obra de Pessoa e dos seus heterónimos para obter dados de diagnóstico, ao mesmo tempo que, por outro, convertendo Pessoa num ícone da modernidade, constrói com frequência vínculos subtis de análise com a experiência do homem (e do *self*) contemporâneo. Um exercício cujo resultado é como que o fazer deitar no sofá não Fernando Pessoa, mas as suas biografias (João Gaspar Simões, principalmente), os seus textos em que reflecte sobre o tema da identidade ou em que os seus estudiosos a ele se referem (pela mão de G. Rudolf Lind, Teresa Rita

Lopes ou Eduardo Lourenço) e, por último, alguns exemplos da sua poesia. É aqui que radica a primeira (e maior) dificuldade deste estudo – na complexa capacidade de tomar como objectos de análise e diagnóstico materiais tão diferentes e no risco implícito (a que, seguramente, não será alheia a autora) de os tomar como “materiais verdadeiros”.

A autora assume e conhece estes riscos e consegue frequentemente resolvê-los, apesar de tudo. Baseando-se num Fernando Pessoa protótipo da modernidade, ícone também do desencanto e da solidão, crê encontrar na cisão interna do poeta a razão pela qual um indivíduo *associal* consegue *comunicar* com os leitores, um século depois, através da sua obra. Para encontrar essa resposta, Thaïs Campos Monteiro divide o seu estudo em três capítulos, nos quais aborda a biografia infantil e adolescente do escritor, em primeiro lugar, como fonte dos conflitos que originarão a sua posterior vida de adulto, com o aparecimento dos heterónimos; em segundo lugar, estabelece as coordenadas do contexto nacional em que surge o Pessoa-escritor, assim como os seus primeiros textos analíticos; e, por último, no terceiro capítulo, analisa amplamente a presença e obra dos heterónimos poéticos, como resposta provável aos conflitos apontados nos capítulos precedentes. Trata-se, em suma, de um percurso em que os processos do Pessoa-homem (e dos seus numerosos traumas infantis) nos ajudam a explicar a sua evolução poética, mas no qual, ao

mesmo tempo, a multiplicidade de vozes (e vidas) dessa mesma evolução nos orienta no sentido que tomou a vida do poeta, tanto na sua fase infantil (repleta, como sabemos, de mortes e incompreensões) e adolescente, como na adulta. A autora sintetiza, partindo de Freud e da escola inglesa, o propósito da sua análise: “visando alcançar, perneando a vida como a obra, os processos psicológicos inconscientes do autor Fernando Pessoa, em termos de sua organização psíquica e de mobilizações emocionais profundas (conflitos, ansiedades e defesas), que vão participar da génese e do modo de construção da sua criação poética homónima e heterónima”. Um caminho, em suma, de ida e volta entre a vida e obra e os processos psicológicos que desencadeiam as acções numa e noutra.

É, portanto, um livro sobre a identidade de Fernando Pessoa como homem e como poeta e, ao mesmo tempo, sobre a identidade do homem contemporâneo de que o poeta surge como ícone. Um livro percorrido, sob este ponto de vista, por uma ideia central: sobre a divisão interna do poeta, sobre a cisão do seu ego, paira a perturbante possibilidade de tentar solucionar com mecanismos intelectuais problemas derivados do campo das emoções, dos sentimentos. É nesse equilíbrio instável entre perguntas emocionais e respostas intelectuais que se move a visão que a autora apresenta do “caos organizado” em que se transforma a vida do autor, a que não é de todo alheia a perspectiva de um escritor que

procura através da sua obra uma forma em que sustentar a própria vida, entre o drama existencial no contexto das relações humanas (marcado pelo fracasso e pelo isolamento) e a gestão da missão estética a que a sua consciência de “gênio” o obriga.

Um livro, em suma, ambicioso e com um propósito complexo, útil em muitas das suas afirmações e, sobretudo, em muitas das pistas que lança sobre o estudo pessoano mas, ao mesmo tempo, em que se nota por vezes a falta de um espírito mais “crítico” em relação às afirmações do poeta e às suas próprias contradições, ao tomar como elementos de trabalho psicológico algumas afirmações, sem as passar pelo fino filtro da ficção literária, mesclando em certos momentos aspectos derivados da história interna e externa do escritor sob um mesmo critério. Em *Mais Além do Drama Poético de Fernando Pessoa*, Thaís Campos Monteiro põe sobre a mesa interessantes materiais para reflexão, caminhos úteis para conhecer melhor o Pessoa-homem, atravessado pelo Pessoa-poeta. Talvez estes materiais e caminhos, porém, não nos ajudem grandemente a conhecer a sua poesia, contudo este não é um desmérito da autora, mas parte essencial da sua matéria poética. Precisamente por essa razão, porque a sua obra literária ainda continua a ser uma interrogação, uma pergunta a que cada homem responde a partir do seu próprio tempo histórico com uma resposta também própria, a poesia de Fernando Pessoa

é, para além de um drama (da alma) intelectual, um dos grandes momentos da poesia universal, como se questiona a autora deste livro no início da sua obra. Pessoa é um clássico porque as suas perguntas continuam vivas, sem resposta. Porque habitou, sem o saber, a ambiguidade do espaço que marca o espírito dos versos de Unamuno, preocupado em pensar o sentimento e sentir o pensamento.

Antonio Sáez Delgado

LITERATURA E CIÊNCIA NA FICÇÃO DO SÉCULO XIX

MARIA HELENA SANTANA

Lisboa, IN-CM, 2007

Literatura e Ciência na Ficção do Século XIX. A narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa, da autoria de Maria Helena Santana, foi inicialmente uma tese de doutoramento, género da literatura académica que nem sempre é famoso pela sua leveza. O texto de Maria Helena Santana reúne, porém, o rigor científico que uma tese de doutoramento deve ter por definição à uma escrita ensaística, fluente e rica, que o torna ameno para qualquer leitor interessado num tema fulcral do sistema ideológico e cultural da segunda metade do século XIX: a emergência do discurso científico e o seu eco na literatura naturalista e pós-naturalista.

O ensaio de Maria Helena Santana começa, embora não seja obviamente o